

Preconceitos no esporte escolar: um contexto de discursos heteronormativos e homossexualidade

<https://doi.org/10.11606/issn.1981-4690.v35i2p305-320>

Jarlsom Carneiro Amorim da Silva*
Iraquitan de Oliveira Caminha*
Bertyza Carvalho de Falcão Fernandes*

*Departamento de Educação Física, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil.

Resumo

O objetivo deste trabalho foi analisar como a hegemonia dos dispositivos heteronormativos e preconceitos no espaço escolar interferem na vida de atletas escolares que se definem como homossexuais. Para tanto, foi realizada uma apreciação da literatura acerca da temática investigada, bem como uma série de entrevistas com os sujeitos da pesquisa por meio de um roteiro semiestruturado. Foram estabelecidas interlocuções com os 43 atletas de um time masculino de voleibol amador chamado de Star Play, que se autoidentificam como gays, na cidade de João Pessoa-Paraíba. Percebemos o quanto a impregnação dos referenciais de preconceito à prática homossexual ainda estão presentes em diferentes contextos sociais, em especial no contexto escolar. Assim, faz-se necessário refletirmos sobre as práticas e posturas em relação aos referenciais de gênero que estão sendo desenvolvidas nas escolas, a fim de não fortalecermos o preconceito ao longo do processo de escolarização do indivíduo.

PALAVRAS-CHAVE: Discriminações; Educação; Hegemonia; Homossexual.

Introdução

A sexualidade humana é uma dimensão da experiência social¹. Através dela, toda uma esfera de crenças, desejos e valores se conectam, constituindo um contexto de práticas que definem nossa identidade e que são fortemente afetadas pelo ambiente sociocultural e religioso em que estamos inseridos. Podemos entendê-la, como sendo as preferências do indivíduo, suas predisposições ou experiências sexuais, na experimentação e descoberta da sua identidade e atividade sexual, manifestando-se em todas as fases de sua vida. Dentro de um contexto mais amplo, pode-se considerar que a influência da sexualidade permeia todas as manifestações humanas do nascimento até a morte.

Quando bebês, frases, símbolos e objetos esportivos já são referências para formar o indivíduo e apresentá-lo ao mundo². Na maioria das vezes, antes mesmo da criança nascer, os pais já carregam consigo a obrigação de introduzir seu filho menino num mundo masculino esportivizado.

Carregamos estereótipos socioculturais produzidos e reproduzidos pela família com relação à sexualidade, vindo de muitos preconceitos em relação à formação da identidade sexual. Observarmos as diversas reações da atualidade em relação a certas atitudes de conotação sexual que, ocasionalmente, desperta tanto terror, podendo às vezes, gerar atitudes absurdamente repressivas, como no caso de violências contra as mulheres e a comunidade LGBT³.

A realidade sexual é variável em diversos sentidos. Muda no interior dos próprios indivíduos, dentro dos gêneros, nas sociedades, do mesmo modo como difere de gênero para gênero, de classe para classe e de sociedade para sociedade. Não existe uma categoria abstrata e universal de erotismo ou de sexualidade aplicável a todas as sociedades. O perigo de se imaginar a existência de um biologicismo é que este pode legitimar perigosas atitudes normativas para a sexualidade, rotulando certas condutas de naturais e outras como desviantes ou antinaturais³.

Em nossa sociedade, constituída de diversidades que nos caracterizam como grupo e como indivíduos que exercem papéis sociais e culturas, é possível constatar a construção destas diversidades no contexto da sexualidade, considerada um dispositivo que pode ser entendido como uma construção social, histórica e cultural, carecendo ser discutido a partir da escola – espaço privilegiado para o tratamento pedagógico desse desafio educacional contemporâneo.

A partir das últimas décadas do século XX que aconteceram mudanças significativas no cotidiano das pessoas com relação aos seus pontos de vista sobre o gênero e a sexualidade⁴, pois mudanças imperceptíveis foram construídas na argumentação social e nas práticas do cotidiano ao longo da história. Modelos sociais que julgamos naturais já foram sentenciados em outras épocas. Atualmente somos conduzidos por discursos gerados por diversas instâncias sociais que nos apontam para uma orientação nos modos de ser, estar e de se comportar em diferentes contextos sociais⁵. Dessa forma, o contexto educativo produz indivíduos de acordo com suas convenções e padrões, discursos e dogmas, padronizados de acordo com suas posições e arranjos permitidos e aceitáveis relacionados aos gêneros e as sexualidades.

Com relação à educação, particularmente a escola, que estabelece o que se deve ou deveria ser aceito socialmente numa perspectiva sociocultural, encontramos a posição do autor⁴ que confere a escola um papel de destaque na construção e manutenção do que é considerável aceitável do ponto de vista sexual. O autor pensa a escola como um dos agentes sociais que debate sobre os caminhos da educação, mas também que controla as expressões das sexualidades e as práticas sexuais que podem ser delimitadas como aceitáveis. Dentro de uma política inclusiva, como é o caso de uma instituição escolar, é necessário, inicialmente, levar em conta que essas rejeições e exclusões resultam de preconceitos de diferentes ordens. É preciso considerar também que esses preconceitos acabam por controlar o acesso ao esporte e ao lazer. Ou ainda restringir tal acesso às pessoas que buscam aderir às diferentes formas de vivenciar sua sexualidade, transgredindo padrões estabelecidos.

A escola é um lugar de reprodução de preconceitos e, dessa forma, pode ser também um ótimo lugar para começar a combatê-los⁴. O espaço escolar deve ser analisado, entre outros fatores, como um campo de relações conflitantes, cenário de tantas reproduções da construção social. Sendo um lugar em que as ideias novas ou tradicionais se encontram, formulam-se e reformulam em constante movimento, visando

à criação de sujeitos sociais que irão interferir de alguma forma na construção das identidades. Dessa forma, é necessário realizar uma reflexão sobre o atual contexto sociocultural que envereda nas discussões a respeito das discriminações e preconceitos sobre a questão da orientação sexual que se produzem nos espaços escolares, ambientes das formações e reproduções do conhecimento e das concepções sociais. A escola deveria ser o cenário adequado para o enfrentamento de preconceitos e discriminações em virtude da identidade sexual e de gênero. É necessário questionar, por exemplo, a ideia de que uma menina que gosta de jogar futebol ou de lutas tem necessariamente tendência a ser homossexual ou que um menino que não goste de futebol e goste de dança, voleibol ou handebol seja, nesse caso, *gay*.

A escola, dentro de uma representação da educação, possui também uma estrutura muito específica elaborada durante décadas que é extremamente resistente aos processos de mudanças. Geralmente, suas discussões sobre a sexualidade nesse contexto são marcadas pelos preconceitos e limitadas ao debate da reprodução humana, da descrição da anatomia dos corpos e assim por diante⁴. O assunto da sexualidade ainda é muito complexo. A escola tem dificuldade para lidar com o tema e os alunos e os professores talvez não estejam preparados para resistirem aos preconceitos.

Lembramos que vivemos em uma sociedade cheia de preconceitos, e uma dos principais é a homofobia. Dos preconceitos, ela acaba sendo a mais grave, porque permeia a sexualidade de qualquer um, dos adolescentes, dos jovens ou dos professores. E tem um aspecto muito violento, porque essas pessoas recebem apelidos e são motivos de *bullying*. Ocorrendo frequentemente o abandono da escola devido os sofrimentos. É comum o encontro com alunos(as) lésbicas, *gays*, travestis dentro das escolas, tendo em vista suas composições feitas pelas diversidades, esbarramos com diferentes estudantes que não se adequa nas identidades sexuais conhecidas como normais, ocorrendo discriminações, reproduzindo desta forma o heterossexismo normativo no contexto escolar.

A educação⁶ só é inclusiva e de qualidade quando se tem uma valorização da diversidade, e sua promoção se constitui um fator de pertencimento. Nas relações de poder³, a sexualidade é um dos elementos favorecidos de maior instrumentalidade, sendo utilizados no maior número de artifícios e servindo de articulação às mais variadas estratégias, polimorfos e conjunturais de poder. Discutir como a sexualidade é incorporada e atravessa a disciplina de educação física na escola pode ser rico para problematizar a questão dos preconceitos no esporte escolar do ponto de vista da sexualidade. Com essa

discussão, é possível visibilizar e problematizar alguns sentidos que professores (as) e alunos (as) atribuem à sexualidade no espaço escolar.

O problema das questões dos preconceitos sexuais dentro da escola vem se agravando tanto que chega a ser detectado para ser combatido por órgãos competentes a partir de 2004⁷. O programa *Brasil sem Homofobia*, do Governo Federal, articulado com o movimento social LGBT, promove e executa diversas ações na educação⁷. O Ministério da Educação (MEC) é um dos principais executores desse programa por reconhecer a urgência desse debate na área educacional⁴. Outra instituição preocupada com esta problemática é a UNESCO⁷, que traz um caderno específico para este dilema:

O *bullying* homofóbico é um problema global. É uma violação dos direitos de alunos e professores que impede a nossa capacidade coletiva de alcançar uma Educação para Todos de boa qualidade. Contudo, até recentemente suas causas e efeitos tinham recebido pouca atenção. Isso se deve em parte a sensibilidades específicas do contexto, mas também à falta de reconhecimento e compreensão do problema. Este caderno de boas políticas e práticas visa permitir que professores, administradores, formuladores de políticas e outros atores da área de educação desenvolvam ações concretas para tornar a educação mais segura para todos[...]. Como educadores, temos a obrigação de fornecer um ambiente seguro a todos os alunos. Convidamos vocês a usar este caderno, compartilhá-lo com seus colegas e parceiros, e transmitir suas próprias experiências. Cabe a todos nós tornar o aprendizado mais seguro, dando um basta imediato ao *bullying* homofóbico⁷ (p. 7).

Mesmo a UNESCO abordando a temática numa nomenclatura de *bullying* homofóbico⁷ e no nosso estudo como preconceitos sexuais, consideramos que ambas correspondem a uma finalidade de discriminação, independente da terminologia, as duas tratam os indivíduos com distinção, exclusão ou restrição baseada nas suas orientações sexuais.

Ao discorrermos sobre o tópico do preconceito no contexto do esporte escolar é fundamental pensá-lo em suas múltiplas formas, seja racial, sexual ou qualquer outro tipos de diversidade. Porém, consideramos o preconceito sexual como o maior problema constatado na prática escolar, particularmente no esporte escolar, onde grande parte das questões é abordada de forma mais exposta e clara, especialmente no que diz respeito às questões do corpo. Em virtude de o preconceito ser

resultado de padrões estabelecidos pela sociedade, o corpo expressa comportamentos considerados inadequados do ponto de vista sexual no contexto da escola. Muitos destes comportamentos são julgados em forma de críticas, exclusões e humilhações.

A Educação Física é um espaço de grande importância para o aprendizado do esporte. Segundo ALTMANN⁸, respaldado pela própria legislação brasileira, para boa parte de crianças e adolescentes, a escola tem sido a única oportunidade de uma prática esportiva orientada e sistematizada. Considerar as aulas de Educação Física como espaço de conhecimento do esporte e sobre ele é dever que as escolas não podem recusar. Atualmente, muitos movimentos emergiram com o propósito de manifestar-se contra o preconceito e a discriminação social e repensar as questões ligadas à homossexualidade. Estes debates tornaram o assunto expressivamente perceptível e têm colaborado numa progressiva redução do estigma social. Com relação a isso, a Educação Física talvez desconheça ou mascare dentro do esporte escolar a importância dessa problemática. Assim, procuramos verificar indícios de preconceitos e discriminações para com alunos homossexuais masculinos (*gays*), identificados no campo do esporte escolar, mas precisamente no voleibol.

Pretendemos alcançar novos caminhos de pesquisa para esta temática que, por si só, já se apresenta ainda um pouco acanhada dentro da literatura brasileira. Nesse sentido, objetivamos neste artigo analisar como a hegemonia dos dispositivos heteronormativos e preconceitos no espaço escolar interferem na vida de atletas escolares que se definem como homossexuais. Para tanto, foi realizada uma revisão da literatura sobre a temática, em seguida analisamos as interlocuções de atletas de um time masculino de voleibol amador chamado de *Star Play* que se autoidentificam como *gays* da cidade de João Pessoa-PB. É importante salientarmos que este artigo é um recorte das entrevistas feitas com os sujeitos do grupo acima citado. De início, tal temática não estaria no roteiro, mas como foi apresentada de maneira bastante significativa nos primeiros diálogos, achamos relevante incluí-la nos demais. Tornando-se desta forma um objeto bastante importante para discussão.

No sentido de dá uma melhor harmonia interna ao texto, estruturamos três categorias surgidas no âmbito deste estudo, para um melhor ordenamento das reflexões teóricas e que estruturamos da seguinte

forma: Problemas de Gênero na Instituição Escolar, no qual apresentamos teorias e discursos acerca do gênero e suas imbricações; Heteronormatividade Herdada X Heterossexismo Reproduzido, temática em que discutimos os conceitos sobre heteronormatividade, heterossexismo, preconceitos,

discriminações a respeito das orientações sexuais; finalmente abordamos as elucidações dos interlocutores relacionados às suas experiências suportadas pelas discriminações e preconceitos sofridos durante o ciclo no esporte escolar, além de suas resistências para tais situações.

Método

Do ponto de vista metodológico, apresentamos neste artigo, apenas um recorte de do nosso estudo com um grupo de atletas homossexuais de um time de voleibol masculino amador da cidade de João Pessoa-PB, conhecido por *Star Play*. Tal pesquisa tem como princípio o esforço de expansão das possibilidades perceptivas tradicionalmente caracterizadoras da observação participante. Dentro da etnografia, foi realizado concomitantemente algumas entrevistas semiestruturadas. Os interlocutores tinham livre expressão para discorrer sobre qualquer assunto. Mesmo não sendo questionados sobre esporte escolar, ficou bastante evidente e quase unânime nos primeiros depoimentos dos jogadores a abordagem sobre este assunto. Assim vimos a necessidade de se discutir sobre tal temática, levando a um direcionamento voltado para a indignação de possíveis atos repressivos sofridos durante o período de participação dos atletas no esporte escolar. Nesse sentido, mesmo não estando inicialmente na pauta das entrevistas, foi bastante narrado pelos sujeitos da pesquisa o sofrimento por causa do preconceito no contexto do esporte escolar. Foi por essa razão que optamos incluir e analisar essas narrativas. É importante ressaltar que, para mencionar os interlocutores, foram utilizados nomes fictícios, preservando assim a identidade dos mesmos.

Adotamos os discursos de Ewald⁹ que utiliza Foucault como mecanismo para melhor fundamentar as enunciações desta pesquisa:

[...] certamente que não mais verdadeira que outras, mas talvez mais pertinente, mais eficaz, mais produtiva. E é isso que importa: não produzir algo de verdadeiro, no sentido de definitivo, absoluto, peremptório, mas dar “peças” ou “bocados”, verdades modestas, novos relances, estranhos, que não implicam em silêncio de estupefação ou um burburinho de comentários, mas que sejam utilizáveis por outros como as chaves de uma caixa de ferramentas (p. 26).

Assim, utilizamos as colaborações de Foucault como forma de analisar as elocuições, a fim de contestar a instituição escolar como reprodutora de efeitos hegemônicos da heteronormatividade, bem como a manifestação do preconceito para quem fuja destas normas. Propomos discutir as relações entre a educação e a normalização social do que é ou não aceito na instituição escolar, e mais precisamente no contexto do esporte escolar, diante dos discursos apresentados.

Foram realizadas entrevistas individuais com 43 integrantes que compõem o time do *Star Play*. As entrevistas foram semiestruturadas, com a elaboração de um roteiro orientador previamente estabelecido como elemento facilitador de abertura, servindo de aporte para a ampliação e o aprofundamento da comunicação. As questões do roteiro perguntavam sobre: a) como expressavam sua sexualidade no contexto da educação física escolar e nas práticas esportivas; b) quais as dificuldades encontradas/enfrentadas neste período devido sua orientação sexual o objetivo do grupo; c) como eram seus enfrentamentos diante dos preconceitos sofridos neste contexto.

Em determinados momentos do texto serão, portanto, conservados os termos enunciados por emissores diversos, com intencionalidades diversas, de acordo com os contextos em que são percebidos. Nesse contexto, trata-se de um exercício de descentrar contínuo¹⁰, que evidencie a dimensão histórica e contextual das palavras e suas cargas para a problematização, a dureza e a artificialidade das ideias mais usuais relacionadas a sexo, corpos, expressões da sexualidade, desejos que estruturam a ordem homofóbica. Neste sentido, a nomenclatura utilizada: bichas; gays; monas; veados; homossexuais, ou apenas homo; heterossexuais - ou apenas hetero - serão assim mistos, especialmente quando a voz que enuncia for das próprias fontes, permanecerão da maneira como chegarem. Ainda

nesse cenário, eles serão utilizados da forma em que se autodeterminaram.

Para realização das entrevistas, foi fornecido aos participantes voluntários do grupo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido com informações sobre a pesquisa; eles assinaram o termo o termo de consentimento livre e

esclarecido conforme a resolução 466/12 que trata das diretrizes para pesquisas com seres humanos do Conselho Nacional de Saúde^b, concordando com a sua participação. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética do Centro de Ciências da Saúde (CCS), localizado na Universidade Federal da Paraíba (UFPB)^c.

Resultados

Problemas de Gênero na Instituição Escolar

Gênero é uma definição que a maioria das pessoas pressupõe compreender. No entanto, diversos entendimentos e interpretações são construídos de forma errônea. Segundo GOELLNER¹¹, compreende-se gênero como uma condição social através da qual nos identificamos como masculinos e femininos. Divergente do termo sexo, utilizado para identificar as características anatômicas que diferenciam os homens das mulheres e vice-versa. Assim, o gênero não é algo concedido e sim construído cultural e socialmente e abrange um conjunto de processos que vão marcando os sujeitos, a partir daquilo que se identifica ser masculino e/ ou feminino.

O gênero, assim como outras formas de representar a sexualidade, são construções sociais resultantes de regras traçadas para a organização social de um determinado grupo, atravessado pelas suas relações de poder que constroem padrões de comportamento que devem ser aceitos ou que são abdicados pela ausência de normalidade e, assim, afrontando as representações dominantes⁴ (p.13).

A nossa sociedade está consolidada em um sistema binário e dicotômico de classificação que determina os gêneros com base nos órgãos reprodutores, criando expectativas e comportamentos presumidos para o masculino e para o feminino, regulados por uma normatividade que determina comportamentos e papéis sexuais e de gênero. Dessa forma, o sujeito fica submetido à heteronormatividade, que atravessa os corpos. Como exemplo disso, vemos as danças são mais relacionadas ao feminino e as lutas são mais relacionadas ao masculino. Esses conceitos não são naturais, mas estabelecidos em determinadas culturas, portanto não são iguais em todos os povos ou grupos sociais. Outros exemplos mais notórios: antes os homens que usassem brincos ou tivessem cabelos compridos teria sua masculinidade desconfiada com muito mais frequência que

atualmente, em virtude de que esse comportamento estético nos dias de hoje já faz parte dos costumes corporais dos brasileiros.

De acordo com BOURDIEU¹², as diferenças entre os corpos masculino e feminino possuem certo simbolismo, com ênfase na diferença anatômica dos órgãos sexuais, ou seja, a diferença biológica entre os sexos acaba se tornando uma justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros, o masculino acima do feminino. Para fortalecer este debate, SCOTT¹³ vem nos mostrar que a utilização deste termo gênero objetivou designar as relações sociais entre os sexos, ou seja, uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres, identificadas como masculinas e femininas. Do mesmo modo a autora desperta para que a expressão fosse, por alguns instantes, sinônimo de "mulheres", principalmente nos trabalhos de natureza acadêmica, que buscavam mais reconhecimento político e uma aproximação com os estudos das ciências sociais:

A infância e adolescência são fases que a educação contribui para a construção de homens e mulheres convictos a serem pessoas consideradas pela sociedade como "corretas e normais" ou pelo menos nos faz crer¹⁴. O sistema educacional são espaços de normalizações sociais que impõem as formas de se tornar masculino ou feminino, hetero ou homossexual, moldando de acordo com seus interesses biopolíticos.

A escola é um espaço em que as relações sociais são muito difíceis em que se estabelecem vários tipos de problemas, de contradições. Isso acaba aparecendo através do racismo, do preconceito, da homofobia. Segundo certos padrões, quem deve ser aceito é o aluno branco, heterossexual, de classe média, de religião católica.

Os currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos, processos de avaliação são, precisamente, espaços das diferenças

de gênero, sexualidade, etnia, classe¹⁵.

É indispensável questionar não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e que sentidos nossos/as alunos/as dão ao que aprendem. Audaciosamente, é necessário também, problematizar as teorias que orientam nosso trabalho. Temos de estar atentas/os, sobretudo, para nossa linguagem, procurando perceber o sexismo, o racismo e o etnocentrismo que ela frequentemente carrega e institui. Trata-se de pôr em questão relações de poder que compartilhamos, relações nas quais estamos enredadas/os e que, portanto, também nos dizem respeito[...]a linguagem é, seguramente, o campo mais eficaz e persistente - tanto porque ela atravessa e constitui a maioria de nossas práticas, como porque ela nos parece, quase sempre, muito "natural". Seguindo regras definidas por gramáticas e dicionários, sem questionar o uso que fazemos de expressões consagradas, supomos que ela é, apenas, um eficiente veículo de comunicação. No entanto, a linguagem não apenas expressa relações, poderes, lugares, ela os institui; ela não apenas veicula, mas produz e pretende fixar diferenças¹⁵ (p. 64).

KINIJKI¹⁶ nos mostra que de início as atividades físicas e as práticas esportivas são demarcadas por uma divisão social de gênero; alguns esportes são direcionados para homens e outros para mulheres, em pequenos detalhes, alguns padrões sociais de comportamentos imputados aos meninos e meninas são identificados. Numa pesquisa realizada por GOMES, SILVA e QUEIRÓS¹⁷, identificamos uma implícita generificação do corpo, ou seja, uma relação natural de força e resistência para os meninos e uma relação de flexibilidade, movimentos leves para as meninas. Os docentes e discentes pesquisados não conseguem associar gestos delicados, finos e sensíveis, bem como uma técnica corporal estética sendo realizados por corpos masculinos. Os garotos aprendem que suavidade, fraqueza, incompetência física e motora devem ser evitados e são outorgados às meninas; além de detectarem diversos discursos homofóbicos em relação às práticas desportivas.

Bourdier e Scott foram citados por KINIJKI¹⁶ para mostrar que meninos e meninas seguem modelos, normas, padrões de conduta históricos e sociais aprendidos desde o nascimento por meio de um convívio com os seus socializadores primários (pais). Além disso, as instituições sociais como, por exemplo, a escola e a igreja são responsáveis por esta generificação. O esporte pode ser verdadeiramente

um espaço em que BOURDIER¹² classifica de habitus masculinizante, no sentido de se construir um corpo carregado por um sistema de valores, os quais de tão evidentes se tornam naturais, quando são na verdade construções sociais. Com relação à masculinidade, esporte não apenas a produz, mas a reproduz por meio da introdução de condutas, gestos e atitudes.

Portanto, se admitimos que a escola não apenas transmite conhecimentos, nem apenas os produz, mas que ela também constrói sujeitos, elabora identidades étnicas, de gênero, de classe; se reconhecemos que essas identidades estão sendo apresentadas através de relações de desigualdade; se admitirmos que a escola está intrinsecamente comprometida com a manutenção de uma sociedade dividida e que faz isso cotidianamente, com nossa participação ou omissão; se acreditarmos que a prática escolar é historicamente contingente e que é uma prática política, isto é, que se transforma e pode ser subvertida; e, por fim, se não nos sentimos conformes com essas divisões sociais, então, certamente, encontramos justificativas não apenas para observar, mas, especialmente, para tentar interferir na continuidade dessas desigualdades.

Heteronormatividade Herdada X Heterossexismo Reproduzido

Os moldes como se percebe a expressão da sexualidade e a diversidade de práticas sexuais que vivenciamos são partes de processos de aprendizagem e também são circunstâncias que passaram a ser tomadas como verdades no processo histórico⁴. Temos a necessidade de se abordar inicialmente alguns aspectos relacionados à homossexualidade, não com a intenção de abranger profundamente o assunto, mas pelo menos contextualizá-lo historicamente e conceituá-lo minimamente, objetivando compreender melhor como o preconceito e a discriminação para com os homossexuais vêm-se estabelecendo. Assim, esperamos também apontar um possível papel do professor no universo dessa temática. Contudo, achamos necessário reconhecer que, no espaço formal da educação, é a força da matriz heteronormativa e heterossexista que obstaculiza a integração da diversidade sexual na escola.

Os preconceitos se revelam casos pontuais dentro do ambiente escolar, devendo ser tratados com mais empenhos e com mais atenção por parte da comunidade escolar de uma forma geral. Dentro de certo despreparo porque falar sobre diversidade sexual

numa sociedade compulsoriamente demarcada pela heteronormatividade é, ainda, um grande desafio que, por muitas vezes, em virtude do silêncio gerado pelos próprios educadores ao não saberem tratar estas situações, aumentando certa omissão, fazendo com que nenhuma esperança seja implantada em benefício de uma mudança rápida e necessária⁶.

A heteronormatividade é uma expressão ou palavra utilizada para descrever situações nas quais orientações sexuais diferentes da heterossexual são marginalizadas, ignoradas ou perseguidas por práticas sociais, crenças ou políticas. Incluindo uma ideia de que os seres humanos recaem em duas categorias distintas e complementares: macho e fêmea; que relações sexuais e conjugais são normais somente entre pessoas de sexos diferentes; e que cada sexo têm certos papéis naturais na vida. A heteronormatividade seria a ordem sexual atual em que todos os sujeitos são criados para serem heterossexuais ou adotem este modelo como padrão de suas vidas. Nesses casos, incluem-se os gays e lésbicas “normalizados” e que não venham a se relacionar com pessoas do mesmo sexo, adotando um padrão predominantemente hetero, possibilitando assim, estigmatizações negativas daquelas que não cabem na heteronormatividade¹⁴(p,15). Segundo o mesmo autor, muitos alunos se acostumam e se conformam com um conteúdo violento normativo por certa aceitação e sobrevivência até mesmo compreendida.

O regime militar ditatorial¹⁴ teve uma grande contribuição para uma hegemonia masculinizada, já que empunhava uma ordem política e social contextualizada em um poder extremamente masculino, confundindo-se até mesmo com a violência. As expressões de afetividades, abraços e carinhos, eram substituídas por algumas torturas, socos, em uma luta, marcados por um processo educacional violento e opressivo, tornando os homens em seres brutalizados que necessitavam dominar as mulheres e desprezar os “homossexuais”. TORRES⁴ fortalece este pensamento citando o texto de Butler, *Los cuerpos que importam*, quando menciona:

O corpo heterossexual masculino pode ser compreendido como um efeito discursivo regulador dos demais corpos. Nessa regulação o homem permanece como viril, penetrador, dominador, etc., sendo qualquer desempenho na lógica da passividade, feminilidade, penetrada, dominada, etc., associado à mulher. Assim, os LGBT e outras formas da sexualidade ao rechaçados como algo indevido pelos discursos articulados na história do Ocidente por

meios dos discursos religiosos, médicos e morais (p. 60).

Sugerimos o termo configurações heterossexistas para evidenciar que o preconceito é um sistema social e não algo intrínseco ao ser sujeito. Contudo, isso não retira a responsabilidade sobre os atos individuais que possam ser passíveis de criminalização. Nessas configurações sociais, estão educadores/ as, educando/ as e os demais agentes da comunidade escolar⁴ (p. 57). Ressaltamos que a homofobia foi um termo convencionalizado pelas ações dos grupos e dos movimentos LGBT. É também uma palavra que possui capilaridade no senso comum e nas políticas públicas. O termo “homofobia” é questionado devido à noção de fobia como uma característica de sujeitos e grupos.

A palavra heterossexismo^d é preferida por vários grupos, especialmente os acadêmicos, devido à amplitude do seu significado, que ultrapassa a conotação psicológica⁴. Para o autor, o heterossexismo pode ser considerado uma atitude de preconceito, discriminação, negação, estigmatização ou ódio contra toda sexualidade diferente da heterossexual. É uma presunção de que todas as pessoas são heterossexuais ou de que a heterossexualidade é única, superior e mais apetecível do que outras orientações sexuais. Diferencia-se da outra forma de discriminação que é a homofobia, porque esta se refere geralmente ao nível individual, enquanto o heterossexismo tem sido utilizado recentemente para designar a intolerância praticada por todo um grupo social ou instituição. Selecionamos a palavra “heterossexismo” neste artigo para ampliar a linguagem, elaborar nossa capacidade de analisar a realidade por meio de novas expressões. Ambas as palavras deverão ocorrer na construção e serão uteis quando bem empregados.

Sabemos que o espaço da escola não é um “paraíso”, não é um local totalmente protegido. E daí, a violência que atravessa a sociedade penetra também na escola. Mas ela não só é responsável por reproduzir a violência, mas também produzir a sua própria violência. Existe aquela que vem, por exemplo, do tráfico para dentro da escola, alunos que levam armas, provocam brigas e mortes, mas não ocorrem de forma generalizada. Mas ocorre também aquela violência que encontramos no cotidiano dos estudantes, que é a agressão verbal, o preconceito e em alguns casos a agressão física. É um local onde as relações sociais são muito tensas, constituindo em vários tipos de problemas, de contradições. Isso resulta manifestando através do racismo, do preconceito, da homofobia. Geralmente é o aluno branco, heterossexual, de classe média, de

religião católica que é aceito, essa é a norma. Como vemos no depoimento abaixo:

Carmelo: [...] Quem é que em sã consciência vai aguentar 5 ou 7 anos de convívio escolar de ser chamado de veado ou coisas assim e não e só ser chamado disso, e exposição humilhante, também ser humilhado, chacoalhado, excluído por que você tem que fazer isso ou aquilo, as vezes nem pode jogar futebol por ser assim. As vezes diziam com alguns, seu lugar é ali (baleado). Um talento pode estar sendo perdido por um lado: futsal, basquete ou handebol porque tem as peças discriminatórias, “vai lá p teu canto, tu é veadinho e tu brinca com as meninas”, e outra, um hetero lá no colégio deixou de jogar vôlei por medo de ser mal visto, ser visto como gay também.

Nota-se que a convivência de homossexuais nos diferentes campos sociais fica dificultada por conta do temor que eles têm diante do heterossexismo. Assim a escola é nomeada como um dos ambientes heterossexistas, podendo afetar diretamente qualquer membro homossexual da comunidade escolar.

O preconceito pode deixar relevantes marcas no indivíduo¹⁸, quando estes são estigmatizados, muitas vezes representando uma violência simbólica de grande consequência psicossocial, quando não acarretam agravos cognitivos e físicos as suas vítimas. O estigma que a homossexualidade sustenta pode ser também observado no cotidiano escolar, no modo como meninos se nomeiam entre si. Os códigos linguísticos, construídos num determinado tempo e espaço, estão inseridos num contexto histórico. Assim, a eleição de determinadas maneiras de nomear não é neutra; pelo contrário, constitui uma ação de poder. Se compreendermos que os indivíduos são submetidos pelos diferentes discursos que aprendem e que se posicionam como sujeitos possuidores de um corpo, de gênero e de sexualidade, então os significados sobrepostos nas linguagens utilizadas nesses processos de construção são passíveis de serem problematizados.

Nós temos nosso desenvolvimento e nossa aprendizagem referentes ao meio social em que habitamos, uma vez que cada indivíduo penetra na história humana em situação específica, adquirindo informações, conceitos e preconceitos de uma geração anterior para reconhecer a realidade, formando uma visão do mundo. Assim, podemos pensar não apenas em uma reprodução de noções sobre as sexualidades, mas também em articulações realizadas por grupos e sujeitos. Para TORRES⁴, o ser humano aprende sobre si, sobre o outro e sobre o

mundo na convivência social, e conduzimos nossos comportamentos pelas crenças e pelas contingências da vida, as quais, no entanto, reconhecemos como verdades incontestáveis. Muitas vezes não compreendemos que as verdades são construídas, interpretadas e reinterpretadas continuamente no processo histórico. Aqui ele se refere a eventualidades como as experiências que vivenciamos durante a vida, a acontecimentos e a situações inesperados que nos dizem respeito.

Nós temos nosso desenvolvimento e nossa aprendizagem referentes ao meio social em que habitamos, uma vez que cada indivíduo penetra na história humana em situação específica, adquirindo informações, conceitos e preconceitos de uma geração anterior para reconhecer a realidade, formando uma visão do mundo. Assim, podemos pensar não apenas em uma reprodução de noções sobre as sexualidades, mas também em articulações realizadas por grupos e sujeitos. Para TORRES⁴, o ser humano aprende sobre si, sobre o outro e sobre o mundo na convivência social, e conduzimos nossos comportamentos pelas crenças e pelas contingências da vida, as quais, no entanto, reconhecemos como verdades incontestáveis. Muitas vezes não compreendemos que as verdades são construídas, interpretadas e reinterpretadas continuamente no processo histórico. Aqui ele se refere a eventualidades como as experiências que vivenciamos durante a vida, a acontecimentos e a situações inesperados que nos dizem respeito.

Repressão Ao Corpo: “Sem Trejeitos”

São os nossos costumes, normas, tradições e leis que frequentemente determinam o que pode ou não ser aceito socialmente⁴. Para esse autor, o modelo de expressão da sexualidade de cada pessoa está vinculado à sua história de vida em que cada um tem o direito de elaborar e rerepresentar de forma diferenciada sua compreensão de sexualidade, como foi desenvolvida ao longo de sua trajetória de vida e de suas crenças. Quem define o que é condenável ou aceitável?

Crianças, jovens e adultos da comunidade escolar poderão se expressar como *gays*, lésbicas, bissexuais, entre outros a partir de determinadas garantias sociais. Diante da violência promovida pelo heterossexismo, é preciso assegurar que esses/as cidadãos/as não serão submetidos/as à humilhação. À violência ou algo similar. Assim com base na noção de diversidade sexual, as crenças sobre as sexualidades precisam ser continuamente questionadas⁴. Vejamos o que diz esse depoimento

que reforça a necessidade de ressignificar nossas crenças sociais sobre a sexualidade.

Brendo: [...]Sofri na escola, talvez pelo meu jeito, meu comportamento, e não era nada proposital, era de mim mesmo, aquele que você às vezes tem um trejeito uma coisa mais afeminada que você não percebe, que você não faz esforço para que aquilo não aconteça, mas acontece. Então por jogar vôlei que também já era um coisa citada como: ahhh é vôlei da meninas e futebol dos meninos. Eu sempre estava incluído no vôlei e juntava algumas características mesmo. Então dentro de escola mesmo eu sofri, me chamavam de: ah veado, aquelas chacotas todas que hoje em dia gera toda repercussão de bullying todo, mas que na época era aceito e você tinha como saber lidar. [...]Na minha vivência, a única dúvida que se tinha da masculinidade de alguém era se jogasse vôlei ou baleado, mas porque eram pratica esportivas praticadas por meninas, mas futebol e basquete, era algo assim por mais afeminados que os meninos fossem, nunca vi nenhuma ridicularização ou comentário que chegasse perto do que havia com os meninos que jogassem voleibol.

A escola deveria ser para muitos, um local de alegria, de aprendizagem, de conhecimento, de interação, mas para algumas pessoas como vemos no depoimento acima, é local de exclusão, de rejeição, tristeza, devido as suas identidades serem marginalizadas, reprimidas e ignoradas. O heterossexismo se encontra em todos os lugares da escola: livros didáticos, nas paredes dos banheiros, nas piadas dos colegas ou professores, até mesmo na chamada, causando humilhação, exclusão, discriminação⁶.

A homofobia pode criar uma sensação de que os homossexuais estão sempre em um nível de inferioridade em relação aos heterossexuais. Alguns vivem isolados e fechados desde cedo e quando são adultos costumam se manter distantes de certos convívios familiares, escola, filhos em que os heterossexuais circulam com facilidade. *Gays* ou lésbicas sentem-se de forma geral desconfortáveis na comunhão com homens heterossexuais que são os seus principais e possíveis agressores.

Essas questões estão relacionadas à possibilidade de apreciação de sujeitos submetidos a uma estigmatização grupal, interiorizados coletivamente por pertencerem a um grupo, no caso, o grupo LGBT. Esses sujeitos aparecem em várias esferas do mundo contemporâneo, entre eles a educação, território no qual as pedagogias formatam corpos pela sexualidade enquanto dispositivo do poder

de controlar, estilizar e fazer confessar questões relacionadas ao sexo¹⁹.

A população LGBT, especificamente aqueles que trazem de maneiras explícitas em seus corpos o pertencimento a essa população tem sido historicamente alvo de crueldade e da violência na comunidade escolar. É comum que esta população seja alvos de risos e piadas dentro das salas de aula e nos corredores sem que muitos se incomodem com essa forma de humilhação. Estranhar esses comportamentos de humilhação é nomeá-los como atentado à dignidade humana, reconhecer os direitos dessas pessoas, etc. são modos de transformar e combater a homofobia⁴.

Deste modo, podemos admitir que existem práticas preconceituosas, denominadas homofóbicas, que ferem a dignidade de seres humanos dentro e fora da escola. Lembramos que também podemos dizer que são práticas orientadas pela matriz heterossexista presente nas configurações sociais da educação. Essas práticas, orientadas por discursos sedimentados historicamente e repetidos no cotidiano, promovem a exclusão da população LGBT dos direitos de cidadania, constituindo um grave problema a ser enfrentado na educação⁴ (p. 44).

MIKOLSKI¹⁴ aponta para a perspectiva de que infelizmente os professores não deixam suas bagagens históricas e sociais de lado ao adentrar em sala. Por mais que cartilhas de orientações ensinem que a formação dos mestres deve ser imparcial, estes trazem consigo suas experiências culturais que afetam de forma direta ou indireta maneira de educar do ponto de vista sexual. Métodos e conteúdos têm seus objetivos calculistas. A ilusão neutra da escola e dos professores faz com que a heterossexualidade não seja uma opção, e sim construída de forma compulsória.

Segundo ALTMANN²⁰, a consolidação do esporte moderno, historicamente, esteve sempre associada à instituição escolar, como um espaço de propagação e desenvolvimento. Seus discursos são reforçados diante das palavras de BRACHT e ALMEIDA²¹:

O papel da educação física escolar até este momento foi (ou deveria ser), o de: proporcionar a possibilidade das aprendizagens esportivas que estimularam os alunos a praticar e desenvolver essas habilidades; auxiliar os alunos a compreender o fenômeno esportivo, inclusive para que ele tenha mais elementos para tornar a decisão de buscar a carreira esportiva; oferecer oportunidade e aprendizagem que leiam a outras possibilidades de vivenciar o esporte²¹ (p. 137).

A Educação Física parece ser um palco

privilegiado para manifestações de preocupação com relação à sexualidade do indivíduo. Mesmo presente em todas as situações escolares, talvez seja essencialmente evidenciada numa área que está regularmente voltada para o domínio do corpo. Com relação à nossa sociedade: gostar de futebol é considerado quase uma "obrigação" para qualquer garoto "normal" e "sadio". Além disso, as aulas de Educação Física usualmente representam uma situação constante e peculiar de análise, significando um processo consecutivo de individualização, já que tornam visível o sujeito, distinguindo-o da massa indiferenciada. A formação de grupos e outras estratégias típicas dessas aulas permitem que o professor ou professora exercite um olhar avaliador sobre cada estudante, corrigindo sua conduta, sua postura física, seu corpo, enfim, examinando-o (a) constantemente. Alunos e alunas são particularmente observados, avaliados e também comparados, uma vez que a competição é característica das práticas esportivas. Não se pode negar que ser o melhor, no esporte, pode representar, especialmente para um menino ou um jovem, um valorizado símbolo de masculinidade¹⁵ (p. 74/75)

É nítido diante do discurso do entrevistado abaixo que o estereótipo acerca das brincadeiras não se justifica e o que se apresenta é um quadro muito mais complexo. Não é o homossexual que não gosta de praticar as atividades, mas existe uma série de fatores que o impede e o afasta das atividades.

Ronald: Teve um professor meu de Educação Física que era meu técnico de futebol e me disse quando soube que eu queria jogar voleibol: "vai jogar vôlei não rapaz, que isso é coisa pra fresco". Depois eu disse, deixe ele achar que é pra fresco. E jogo até hoje, há quase 30 anos.

Várias enunciações depositaram um grande culpa pelo início dos preconceitos pelos seus técnicos (ou professores de Educação Física) que sempre pediam descrição de suas atitudes que pudessem revelar uma postura desviante que não fosse a "normal", ou seja, a heterossexual:

Herberth: [...] a intolerância vem dos técnicos, assistentes, o vôlei e bem mais contido, porque a maioria da equipes daqui, pelo menos antigamente, hoje nem tanto, mas o pessoal que eram atletas que vinham de escola, já aqui não tem clubes. Eles sempre vieram de lá formados pelos técnicos, que tinha que ser aquela coisa contida mesmo, que você não podia "brincar", se expor, porque você estaria ali representando a sua escola. [...] o

fato da gente se destacar hoje em nosso time (star play), e por conta disso, porque a maioria não passou nessa convivência de esporte escolar. Já que são atletas que vem de peladas, de rachas. Estas pessoas que não passaram pela etapa escolar, não sofreram, se expõem mais e tem mais liberdade, conseguem se sentir mais confortável dentro de quadra. Eles (técnico) falavam: não vai dar "pinta" não, fica na tua, tu aqui tá representando a escola, deixa para fazer isto fora do jogo. [...] Esse pessoal que passou pela base escolar, conheço muitos homossexuais que mesmo hoje não se "soltam" dentro de quadra, não dão pinta nem trejeitos, porque desde o tempo da escola que o técnico falou que era para se comportar, não dar pinta, essas coisa todas... então assim, ainda hoje eu conheço pessoas assim. Hoje a gente realmente joga sem estar se importando com o que outros vão pensar, sem se preocupar com o que os outros vão falar, e a gente se sente confortável.

O discurso nesta narrativa demonstra bem a liberdade que os jogadores possuem quando não estão jogando representando uma escola ou um clube.

Herberth: Aceitar atletas gays no time, eles aceitam, mas que durante o jogo não é para fazer isto (dar pintas), tem que jogar quieto (sem trejeitos). Eles brincam, são amigos, eles não têm problema com relação a isto (ser homossexual), mas com comportamento dentro de quadra não. É uma coisa assim... que eu ainda quero entender, o posicionamento destas pessoas com relação a isso porque é uma coisa que não fica clara. Vamos supor: Será que a gente joga, como joga hoje porque não tem um técnico para pegar no pé da gente? Para dizer: não faz isso, não faz aquilo.

Dionísio: Comecei a jogar vôlei desde os 8 anos de idade, na verdade eu descobri minha sexualidade muito tarde comparada a muitos que estão no vôlei, eu lembro que no grupo que participava, não no comecinho, mas quando eu fui percebendo comportamentos homossexuais, que para mim não eram comportamentos "homos" e sim normais porque para mim não tinha essa definição de homo e hetero, sempre fui inocente quanto a isso, por isso demorou muito tempo para me descobrir. Quando eu tinha uns 14 a 15 anos, tinha um grupo lá que tinha muitos gays e era perceptível estes comportamentos. [...] O professor na época até repreendeu os meninos por estes comportamentos, ele não me repreendeu porque eu brincava mas eu sempre me afastava um pouco, sempre tinha um grupo de 5 e 6 (atletas homossexuais) que iam mais a frente com a questão de paquerar, flertar, essas coisas, mas eu nunca cheguei nesse ponto, talvez por ser muito repreendido quando era criança pelo professor."

GOELLNER, FIGUEIRA e JAEGER²² argumentam

que além da generificação dos corpos, o esporte lhes atribui marcas relacionadas à sexualidade. Não qualquer configuração de sexualidade, mas sim a sexualidade heterossexual e atendente aos padrões de gênero hegemônicos. Em conversas informais com sujeitos que se autorrepresentam como gays e lésbicas sobre suas relações com a Educação Física, Luciene Santos²³ constatou que a disciplina se configurava como um terreno de conflitos sobre sexualidades no qual esses/ essas jovens nem sempre se saíam bem. Para muitos (as) deles (as), essas experiências criaram aversão pelas práticas esportivas.

Ítalo: Sobre o comportamento (*gay*)...eu tenho esta maturidade de entender o que é isso hoje, eu percebo que sempre houve este comportamento por um grande tempo e não participei muito disso com os meninos, mas sempre tive comigo, sempre inerente a mim, acho que por defesa, por medo ou por coisas que não eram tão definidas. Eu nunca tive a coragem quando criança ou adolescente de dar um a passo a mais que estes amigos meus deram, então hoje eu vejo de outra forma, que os meninos (homo) sofreram muito na época, hoje em dia quando converso com eles, eles me dizem que sofreram muito por causa de repreensão do técnico (professor de educação física), não de briga, mas de ser colocado na parede pelos comportamentos que tinham. Isso que eu soube agora que acontecia na época, que eram repreendidos e vivia tendo reunião para discutir os comportamentos deles, que não era um comportamento ideal e pegava mal, e porque tinha atletas de outros esportes que ficavam falando mal [...] comigo não tive muito este problema não, depois eu soube que tinha essas reuniões para discutir sobre estes comportamentos.

Fabricio: [...]Não joguei escolar porque já comecei “velho”. Nunca tive problema. Mas uma vez ou outra eu via alguns técnicos tipo restringindo/ reprimindo algumas coisas, tipo: joga feito homem, este tipo de coisa. Tipo, eles ficavam meio que controlando para não ter este tipo de “fechação” dentro de quadra... se comportem... sempre teve isso aí.

Essa narrativas nos revelam que alguns (técnicos) professores de Educação Física colaboram muitas vezes na instauração do preconceito e da discriminação, ampliando os estereótipos existentes através de seu discurso ou, até mesmo, impedindo homossexuais de frequentar suas atividades. Existem também aqueles professores que, embora não tenham explicitamente tais comportamentos

não tomam nenhuma atitude efetiva no sentido de impedir as discriminações por parte dos outros alunos. Portanto, acabam sendo cúmplices de chacotas e da violência para com homossexuais ou para com aqueles que têm um comportamento não exatamente igual ao que a sociedade estabeleceu como masculino.

Fabiano: Eu não sou assumido assim (escancarado), para os amigos eu sou, no tempo que joguei lá eu não era, mas tinha preconceitos dos outros alunos, e era só comigo, porque eu tinha um jeito de ser[...]No colégio nenhum era, só eu, já tinha na cabeça que eu era, mas eu era enrustido, mas eles imaginavam. O que aconteceu comigo e lembro até hoje foi que eu “tirando onda”, porque eu já me assumi gay e já conhecia quem era, ou mais ou menos isso, aí eu comecei a “frescar”, a tira onda também, aí um professor veio para mim e disse: não faça isso porque você não é “isso” (*gay*), possa ser que você venha a ser, entendeu. Acho que ele sacou que eu era.

Estas frases, comportamentos e atitudes, demonstram que o preconceito e a discriminação sexual imperam nas relações sociais, percebemos que em alguns indivíduos estão impregnados crenças, juízos preconcebidos, estigmas e estereótipos e continuam praticando atitudes discriminatórias. Apesar dessas crenças não sejam adotadas coerentemente, mas acabam inconscientemente sendo impregnadas

Gilvandro: [...] No colégio eu levei um bom tempinho para me assumir, porque eu só me assumi uns 17 a 18 anos, já na fase adulta, na adolescência eu era mais quieto porque não sabia a reação dos meus pais e aí eu me comportava, mas tinha medo dos meus pais e morava na casa deles e também meu pai era meio durão, daqueles do interior, aí eu tinha um pouco de medo. Depois eu me assumi e eles aceitaram numa boa. Meus amigos já sabiam, eu escondia dentro de casa, e no colégio para não sofrer porque eu acho que teria um pouquinho de coisas, porque tinha uma turma que não ia me dar muito apoio não. Naquele tempo em 82 ou 83 “os veados” não eram bem vistos não, principalmente nas aulas de educação física[...]Joguei no esporte escolar. Nunca escondi minha sexualidade. Acho que o técnico não tinha muita opção não, já que eu era um dos melhores do colégio, acho por eu ser homossexual, ou ia me deixar de fora ou o time ia ficar mais fraco, era praticamente obrigado a me aceitar no time [...]

Importante mencionar que, se o preconceito já se inicia dentro de casa, o problema toma proporções muito mais vultosas quando se está a

tratar de relações interpessoais. Entre os entrevistados, os posicionamentos a respeito da Educação Física e da figura do professor no tratamento para com os homossexuais nos demonstrou um quadro alarmante, chegando até o ponto de um professor exigir o corte de cabelo de um dos seus atletas por puro preconceito como veremos na expressão abaixo. A Educação Física foi considerada uma das disciplinas mais discriminadoras do espaço escolar. Os entrevistados apontaram também que a Educação Física escolar e o professor foram um dos principais responsáveis pelo afastamento de muitos alunos das atividades físicas/esportivas fora da escola:

Dante: No começo, assim acho que foi mais tranquilo, porque a gente, um não sabia do outro, e aí foi quando um descobriu o do outro, os professores começaram: não quero isso, não quero aquilo. O professor falava que “No pinta” quer dizer, não façam pinta aqui no time (mesmo ele sendo considerado bicha por todos). Mas a gente nunca levou muito a sério o que ele falava [...] Apesar de que quando fui da seleção do Estado eu não tive isso. A gente viajou para vários locais e nunca tive problemas com os técnicos, mas quando peguei um técnico, que ele mandou eu cortar o cabelo, eu tinha ele grande, restringiu algumas coisas para mim, começou a restringir as coisas e meu voleibol foi caindo. E eu queria tá ali e eu só ia para as competições se eu fizesse o que ele queria. Mas eu não estava me sentindo à vontade, quando a gente estava jogando e começava perder, a própria esposa dele pedia para ele me liberar, aí ele chegava e me dizia, *fulano pode jogar tranquilo, pode jogar normalmente*. Aí eu começava a render bem melhor nos jogos, mas quando ele prendia assim, dizendo: não quero isso, se você fizer vai p o banco, sempre era desse jeito assim. Mas depois de um tempo ele foi ficando tranquilo, se acostumando comigo, foi liberando, hoje ele é um pai para mim, acho que quando ele foi me conhecendo melhor e aí foi me dando mais confiança [...] Quando fui jogar na seleção da Universidade, o técnico ele era bem liberal, mas quando chegou um novo técnico bem preconceituoso, muitos dos jogadores homossexuais saíram do time, acho por conta da pressão que ele fazia.

Não pode existir uma preocupação social legítima sem que se considere os homossexuais enquanto indivíduos que merecem ter uma prática de atividades físicas/esportivas não discriminatória e não isolada dos heterossexuais. Os professores não podem mais deixar de considerar esses indivíduos como merecedores de sua atenção.

Isaac: [...] Eu não tive muito problema com isso não sabe, nem tenho e nem tive, nenhum problema que tenha

marcado em relação a isso. Quando comecei jogar, as pessoas já tinham um respeito muito grande por mim, quando comecei eu já era bom para minha idade. Na verdade eu sempre me dei o respeito primeiro, para não acontecer nenhum tipo de problema, com relação a isso, porque sempre me mantive discreto, “sem dar na cara” de que eu era “bicha”.

Josué: [...] Sempre fui na minha, os professores nem sabia. Depois que me viam “fechando” nos jogos depois de velho e que me abordaram dizendo: “você era tão macho antes rsrs”. Assim, se você se comportar, ninguém vai te discriminar, independente se você é ou não é *gay*. Porque mesmo se você não é mas está com aqueles trejeitos, você vai ser chamado de fresco, a torcida vai pegar no seu pé [...].

Muitas vezes é necessário que suas identidades sejam veladas, escondidas no contexto escolar para colegas e professores, para que não sofram nenhuma represália. São imputados aos homossexuais diferentes posições sociais e formas de atribuição social ao longo da história¹. Nos últimos anos, predominaram formas pejorativas de atribuição social às práticas não heterossexuais sedimentadas em instituições e no imaginário social, conferiu a noção de doença e perversão, bem como a naturalização e o ocultamento da homofobia, como bem vemos nestas duas falas anteriores.

Nero: [...] tivemos muitos preconceitos de outros jogadores, os “heteros” nas viagens que fazíamos, imaginavam outra coisa, não vi muito comigo porque eu era muito na minha, e ainda sou até hoje. Mas com outros alunos já mais assumidos. Os heteros diziam: “não vamos ficar no quarto com fulano (atleta homossexual), vamos ficar só nós 3 aqui”. Era mais na hora do alojamento que eles (heteros) não queriam ficar próximos da gente (homos). Para tomar banho era a pior hora também. Eles não diziam diretamente “eu não vou porque você vai”, mas diziam sempre que iam depois da gente [...] Eu presenciei uma cena do time da Universidade, quando fomos jogar em outro estado, e daí o treinador deu autonomia para os meninos dividirem os quartos. Foi uma confusão grande, porque alguns atletas gritaram abertamente mesmo, para todos escutarem: “vamos correr para não ficar nos mesmos quartos com os veados”. Isso lá gerou um clima muito chato mesmo, de pessoas que conviviam dia a dia com brincadeiras e tudo até esse dia que aconteceu isto, até um chorou e tudo. E por punição ou não o técnico relocou todos colocando um homossexual em cada quarto fazendo com que todos se misturassem. E aí eu digo essa parte

de alojamento e de viagem é onde existe mais forma de preconceitos conosco.

Amadeu: No começo não tinha muito problema não porque não tinha muitos declarados no time da escola, mas ter (*gays*), tinha. Para ser mais sincero, tinha muito problema quando se viajava, aquela coisa de ficar no quarto. Tinha outros alunos que não queriam ficar no quarto com fulano ou sicrano porque não gostava de dormir com os homos no mesmo quarto. A última viagem que fui, foi para Goiás, ai o professor me botou com 3 alunos no quarto, e ai eles ficaram com aquela frescura, cismados comigo pensando que eu ia dar em cima deles. Mas depois eles viram que não tem nada a ver, que se tinha respeito, ai eles se acostumaram e até trocaram de roupa na minha frente, porque no início nem isso eles faziam com medo de mim. Maior medo, só tomavam banho depois que eu já tinha tomado, era a maior onda [...] Acha que, só por a gente ser gay, a gente é obrigado a atacar, ser algum tarado. Mas não tem nada, quando eu viajo eu só viajo para jogar mesmo, e mais fácil ter algo com alguém fique seja fora do jogo. Eu tenho o maior respeito.

Diante das enunciações, vimos que há uma grande problemática em convívio entre os estudantes, principalmente nas viagens para as competições, não existe uma harmonia sensata de convivência tanto no banho como na hora do descanso. Nada que justifique tais atitudes dos atletas “heteros”. Sobre estes mitos sociais que envolvem a caracterização da homossexualidade, FURLANI²⁴ aponta para o nosso direcionamento da ideia de que estas práticas sexuais (todos os homossexuais) traz consigo obrigatoriamente, a promiscuidade, a safadeza, a libertinagem, a irresponsabilidade, a busca única pelo prazer e por envolvimento carnal.

Dificuldades dessa natureza também são sentidas por professores/as homossexuais, condenados a esconder sua homossexualidade, já que para os preconceituosos são um “péssimo exemplo” para os estudantes, não possuem “postura moral adequada” ou até mesmo podem ser acusados de utilizar sua situação para engajar seus alunos para suas práticas sexuais, um mito bastante presente em torno da figura do homossexual. Tem assim que se esconder, se desejarem manter o emprego de acordo comum de nossos enunciadoreis:

Jeová: Existem homossexuais bem discretos, e devem ser assim, que não precisam está demonstrando para todo mundo, existem estas pessoas, e eu faço parte deste tipo de pessoa, até porque minha figura em relação ao papel social que eu vejo hoje em dia, como eu sou professor, ai tem um certo bloqueio, até porque pela própria discriminação que é feita pela sociedade. Então é muito complicado o paradigma de você tem que ter em sala de aula e ser homossexual. É meio de você não puder se expor demais a sua figura, tem este problema, por conta até mesmo dos pais dos alunos, como sou de colégio particular, eles ficam no pé para que não tenham professores homossexuais, pelo menos que não sejam declarados (acho que eles acham que vamos incentivar seus filhos a serem também, rsrs), por isso que eu nunca tive este problema porque eu sempre “prendi” um pouco o jeito de ser, entendeu? eu sempre prezei pela figura homem homossexual, e não homem afeminado.

Para que possamos pensar em tomar qualquer atitude como forma de intervenção, é indispensável reconhecer os moldes das desigualdades sociais na instituição. O sentimento e a disposição a fim de se arriscarem nesta tarefa são indispensáveis, mas as teorizações, as pesquisas e os ensaios provenientes dos Estudos Feministas (e também do campo dos Estudos Negros, dos Estudos Culturais, dos Estudos Gays e Lésbicos) podem se tornar elementos muito importantes para afinar o olhar, estimular inquietações, provocar questões. Isso sem alimentar uma postura reducionista ou ingênua; que supõe ser possível transformar toda a sociedade a partir da escola ou supõe ser possível eliminar as relações de poder em qualquer instância; isso implica adotar uma atitude vigilante e contínua no sentido de procurar desestabilizar as divisões e problematizar a conformidade com o “natural”; isso implica disposição e capacidade para interferir nos jogos de poder¹⁵.

As minorias sociais (pobres, negro, homossexuais e outros excluídos e marginalizados na comunidade escolar) revelam um espaço excludente a ser problematizado. Dentro do esporte escolar, vimos que a homossexualidade não tem lugar nas suas práticas, na medida em que as práticas são separadas pelo sexo, masculino e feminino, não havendo lugar para outras experiências de masculinidades e feminilidades, para além da regra da heterossexualidade. Além do que, a homossexualidade está associada a um “problema”, porque esta é entendida como algo negativo e anormal que desestabiliza a ordem disciplinar escolar.

Discussão

Precisamos aprender como articular novas compreensões que ajudem a fazer da educação não só um espaço de formação para o trabalho, mas também para o desenvolvimento de uma cidadania que inclua as diversidades. É necessário que a escola e as pesquisas acadêmicas dialoguem também com os espaços não formais de educação, numa troca mútua de saberes e fazeres, tendo em vista uma sociedade mais justa e menos excludente.

Posicionamos em acordo com alguns autores pós-estruturalistas contemporâneos, que realizam estudos de gêneros, admitindo as pluralidades das vivências e das expressões das sexualidades e concordando, portanto, com a não existência de uma masculinidade, uma sexualidade, uma homossexualidade no singular, mas masculinidades, sexualidades e homossexualidades.

Entendemos que a escola, estatal ou não, pertence ao público e é o lugar, por excelência, da produção de discursos que influenciam de forma decisiva o processo de ensino e aprendizagem dos cidadãos/ãs. Espera-se que esse processo seja marcado por respeito às diferenças. Isso quer dizer que as escolas brasileiras devem assumir um compromisso democrático capaz de estabelecer seus critérios educacionais a partir de discursos plurais, pois todos os grupos sociais deveriam ter o direito de manifestar-se na comunidade política⁴.

Observamos que a vigilância e a censura da sexualidade orientam-se, essencialmente, pelo alcance da "normalidade heterossexual", no qual a identidade masculina e a identidade feminina se ajustam às representações hegemônicas de cada gênero. É importante notar, no entanto, que, embora presente em todos os dispositivos de escolarização, a preocupação com a sexualidade geralmente não é apresentada de forma aberta. Talvez se forem interrogados sobre essa questão, é possível que dirigentes ou professores façam enunciados do tipo: "em nossa escola nós não temos nenhum problema com isso", ou então, "consideramos que este assunto pertence à família tratar". De algum modo, parece que se deixarem de tratar desses "problemas" a sexualidade ficará fora da escola.

É indispensável que reconheçamos que a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria as produz. A sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa abandonar. Não há dúvidas de que o

que está sendo proposto, de forma objetiva e explícita, pela instituição escolar, é a constituição de sujeitos masculinos heterossexuais, nos padrões da sociedade em que a escola se inscreve¹⁵. Todavia, é possível conceber a escola também como espaço de ressignificação e mudança de comportamento sobre o respeito às diferenças de opções de gêneros.

No caso dos jogadores da pesquisa, seus corpos eram habilitados para adequar-se à vida sociocultural na instituição escolar, delimitando qual a forma adequada de comportamento, através de ações e discursos que incidiam sobre os corpos masculinos e que obedecem ao padrão heterossexual, descrito por Judith Butler¹⁰ como heterossexualidade compulsória. Alguns dos pesquisandos deste grupo afirmaram ter sofrido *bullying*, discriminação, preconceito, ou mesmo homofobia, desde criança por colegas de escola e até mesmo por professores por causa dos "trejeitos típicos de *gays*".

As pessoas que formam este grupo minoritário ou vulnerável, na medida em que tentam romper com modelos prontos e com aquilo que é ditado em matéria de gênero, sexualidade e afetividade, sofrem diversos tipos de violências, desrespeitos e agressões, das mais variadas ordens, às suas integridades físicas e/ou psíquicas.

Geralmente, o preconceito é tão intenso que, se alguém fala sobre elas, já passa a ser considerado gay, lésbica, etc. O medo de muitos de ser associado a diversidade sexual provoca uma seleção de temas extremamente preconceituosa, inclusive entre os/as próprias/os alunos/as⁴. As configurações sócias heterossexistas na educação impedem, muitas vezes, que essas pessoas sejam reconhecidas como cidadãos pelos outros e por si mesmos. A escola pode muito bem rever sua condição de, muitas vezes, ser um espaço de repressão sexista e homofóbica, ou seja, heterossexista e heteronormativa para se transformar num ambiente verdadeiramente protegido, liberto e respeito para com as diferentes formas de vida sexual.

Não é nosso objetivo neste texto encerrar as discussões em torno do assunto. Mas, com os resultados de nossa pesquisa, esperamos colocá-los nas pautas de discussões (torná-lo visível); esperamos estar contribuindo para os primeiros passos no sentido de torna-lo reconhecido como importante (legitimá-lo) e, pretensiosamente, dar alguns indicadores iniciais para as comunidades de aprendizagens esportivas sobre a necessidade de se respeitar a escolha por determinadas práticas esportivas e sexuais.

Notas

- a. Adotamos esta sigla para definir os sujeitos Lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros. Sigla cada vez mais empregada a partir da metade dos anos 1990 e fortemente ligada às políticas de identidade. Destacamos que a sigla LGBT possui muitas variantes, inclusive com ordens diferentes das letras.
- b. Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução 466. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2013.
- c. Parecer N° 1.039.736, aprovado pelo Comitê de Ética do Centro de Ciências da Saúde (CCS), localizado na Universidade Federal da Paraíba (UFPB).
- d. O heterossexismo é a visão que a heterossexualidade é a norma para todas as relações sociais/sexuais... a institucionalização da heterossexualidade em todos aspectos da sociedade - incluindo a discriminação legal e social contra homossexuais e a negação dos direitos homossexuais enquanto um interesse político.

Abstract

Prejudices in school sport: a context of heteronormative discourse and homosexuality

The purpose of this study was to analyze how the hegemony of heteronormative devices and prejudices influence in the lives of school athletes who define themselves as homosexuals. To achieve this objective was carried out an assessment of the literature on the investigated theme and were conducted several interviews with people that followed a semi-structured script. Forty-three athletes were interviewed from a male amateur volleyball team called Star Play, who self-identify as gay, in the city of João Pessoa, Paraíba. We noticed how much the impregnation of the standards of Prejudice related to homosexual practice are still present in different social contexts, in particular in the school context. Based on this conclusion, it is necessary to reflect on the practices and attitudes regarding gender references that are being developed in schools, in order not to encourage the Prejudice over the individual's school life.

KEYWORDS: Discrimination; Education; Hegemony; Homosexual.

Referências

1. Prado MAM, Machado FV. Preconceitos contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade. 2a. ed. São Paulo: Cortez, 2012. v. 5.
2. Knijnik JD, organizador. Gênero e esporte: masculinidades e feminilidades. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.
3. Foucault M. História da sexualidade I: a vontade de saber. Tradução de Albuquerque MTC, Albuquerque JAG. Rio de Janeiro, Edições Graal, 18a. ed. 2007.
4. Torres MA. A diversidade sexual na educação os direitos de cidadania LGBT na escola. 2a. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
5. Longaray DA, Ribeiro PRC. Espaços educativos e produção das subjetividades gays, travestis e transexuais. Rev Bras Educ. 2015;20(62):723-747.
6. Junqueira RD. O reconhecimento da diversidade sexual e o enfrentamento da homofobia. In: Gentle IM, Zenaide MNT, Guimarães VG, organizadores. Gênero, diversidade sexual e educação: conceitualização e práticas de direitos e políticas públicas. 1a. ed. João Pessoa: Editora Universitária, 2008, v. 1, p. 234-252.
7. Junqueira RD, organizador. Diversidade sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.
8. Altmann, H. Educação Física Escolar: Relações de gênero em jogo. São Paulo: Cortez (Coleção Educação & Saúde), 2015.

9. Ewald F. Foucault, a norma e o direito. Lisboa: Veja, 1993.
10. Butler J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo". In: Louro GL, organizador. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 153-172.
11. Goellner SV. A Educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. Cadernos de Formação RBCE. 2010;71-83.
12. Bourdieu P. A dominação Masculina. Maria Helena Kühner, tradutora. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2014.
13. Scott J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educ Realidade. 1995;20:71-99.
14. Miskolci R. Teoria queer, um aprendizado pela diferença. 2a. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP, 2013.
15. Louro, GL. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. 10a. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
16. Knijnik JD, Falcão-Defino, PC. Esporte e masculinidades: uma longa história de amor, ou melhor, de amizade. In: Knijnik JD, organizador. Gênero e esporte: masculinidades e feminilidades. Rio de Janeiro: Apicuri; 2010. p. 161-83.
17. Gomes PB, Silva P, Queirós P. Distintos registros sobre o corpo feminino: beleza, desporto e mídia. In: Romero E, Pereira EGB, organizadores. Universo do Corpo: masculinidades e feminilidades. Rio de Janeiro: Shape/Faperj, 2008.
18. Maia AC, et al. Educação para a sexualidade. Magalhães JC, Ribeiro PRC, organizadores. Rio Grande: Editora da FURG, 2014, p. 285.
19. Louro, GL. Pedagogias da sexualidade. In: Louro GL, organizador. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 2a. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 7-34.
20. Altmann H. Verdades e pedagogias na educação sexual em uma escola. 2005. 226 f. [Tese]. Doutorado em Educação - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
21. Bracht V, Almeida FQ. Esporte, escola e a tensão que os megaeventos esportivos trazem para a Educação Física Escolar. Em Aberto. 2013;26(89):131-143.
22. Goellner SV, Figueira MLM, Jaeger AA. A educação dos corpos, das sexualidades e dos gêneros no espaço da Educação Física escolar. In: Ribeiro PRC, Silva FF, Magalhães JC, Quadrado RP, organizadores. Educação e Sexualidade: identidades, famílias, diversidade sexual, prazeres, desejos, preconceitos, homofobia. Rio Grande: Editora da FURG, 2008, p. 67-75.
23. Santos LN. Corpo, gênero e sexualidade: educar meninas e meninos para além da homofobia. 2008. 136 f. [Dissertação]. Mestrado em Educação Física - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
24. Furlani J. Mitos e tabus da sexualidade humana: subsídios ao trabalho em Educação sexual. Autêntica Editora, 2003.

ENDEREÇO

Jarlson Carneiro Amorim da Silva
Departamento de Educação Física
Universidade Federal da Paraíba
Campus I - Cidade Universitária
58051-900 - João Pessoa - PB - Brasil
E-mail: jarlson@hotmail.com

Submetido: 10/05/2016
Aceito: 24/05/2021